

A CRISE BANCÁRIA DOS ESTADOS UNIDOS EM 2023 E SUA RELAÇÃO COM A ELEVAÇÃO DA TAXA DE JUROS

Fernanda Scheibe Ferreira¹

Isabella Lemes de Mello²

Larissa Beatriz Favero Vaz³

Pietra Marques Lima⁴

Yasmim Almeida⁵

Prof Orientador Carlos Ilton Cleto⁶

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o aumento da taxa de juros nos Estados Unidos como principal causa da atual crise bancária enfrentada no país. Para tanto, pesquisas bibliográficas foram conduzidas, visando compreender os impactos dos juros nos diferentes indicadores financeiros envolvidos nas atividades bancárias e no setor financeiro. A partir das informações obtidas, foi realizada uma análise dos dados, os quais indicaram que uma contínua no aumento da taxa de juros comprometeria a economia americana independentemente de seus esforços para manter a estabilidade financeira do país. Atualmente fica perceptível que temos uma crise bancária nos Estados Unidos, a qual terá efeitos nos próximos anos. A mesma está ocorrendo por conta da inadimplência de crédito de alguns bancos regionais do país, como o Silicon Valley Bank e o Signature Bank, gerando questões sobre o risco sistêmico dos juros no setor financeiro e como novas altas poderiam provocar uma quebra no mercado. Do mesmo modo, está havendo um aumento dos juros, sendo uma decisão condicionada a diminuição dos riscos de estabilidade financeira. Assim, cabe a nós entender como essa crise iniciou-se e se desdobrará, a fim de discorrer sobre os principais elementos de efeito na economia, a inflação e a taxa de juro na economia.

Palavras-chave: política monetária, crise bancária, inflação, economia.

¹ Aluna graduada em Direito e aluna do Curso de Negócios Internacionais da FAE Centro Universitário. *E-mail:* ferferreira0395@gmail.com.br

² Aluna do Curso de Negócios Internacionais da FAE Centro Universitário. *E-mail:* isabella.mello002@gmail.com

³ Aluna do Curso de Negócios Internacionais da FAE Centro Universitário. *E-mail:* larissafavero339@gmail.com

⁴ Aluna do Curso de Negócios Internacionais da FAE Centro Universitário. *E-mail:* pietra.lima@mail.fae.edu

⁵ Aluna do Curso de Negócios Internacionais da FAE Centro Universitário. *E-mail:* yasmin.almeida@mail.fae.edu

⁶ Professor orientador. Doutor em Engenharia de Produção. Professor da disciplina de Economia Internacional.

INTRODUÇÃO

A necessidade de entender determinados mecanismos financeiros e de políticas econômicas como possíveis agentes de risco é evidente, dada a crise bancária que vem se estabelecendo nos Estados Unidos. Este, sendo uma potência mundial que está conectado globalmente e com intensas relações comerciais com diversos países, pode gerar graves consequências para o mundo.

Esse país vem realizando tentativas de controles de preços desde 2022, com aumentos inflacionários consecutivos até agora. Sendo que, a inflação trata-se de uma consequência de quando o índice de preços está aumentando e tem uma redução no poder de compra da moeda. Desse modo, atualmente o país está visando uma postura de política suficientemente restritiva para retornar a inflação aos seus valores de anos atrás.

Assim, as autoridades monetárias têm à sua disposição alguns instrumentos para atingir seus objetivos: fixação compulsória de reservas bancárias, determinação da taxa de juros das operações de redesconto e empréstimos de liquidez, e as operações de compra e venda de títulos públicos. Desta forma, o que o país vem adotando é o aumento da taxa de juros, o qual não vem gerando resultados bons, afetando a capacidade dos bancos comerciais de conceder crédito de curto termo para satisfazer as necessidades de antecipação de receitas das firmas.

Portanto, é um consenso comum que a inflação deve ser controlada sempre e que os efeitos da mesma são extremamente maléficos para o país e para aqueles que mantêm vínculos com ele. Contudo, as pressões para o controle da mesma podem acarretar em barreiras na economia, como na distribuição de renda, balanço de pagamentos, mercado de capitais, entre outras.

Desse modo, nosso objetivo é verificar se a elevação da taxa de juros como ferramenta de controle da inflação nos Estados Unidos foi a principal responsável pela crise do sistema bancário enfrentada atualmente no país.

- Explicar a condução da política de juros do Banco central do Estados Unidos no período antes da crise;
- Verificar se a taxa de juros teve impacto sobre a crise bancária nos Estados Unidos;
- Determinar os impactos econômicos e comerciais gerados pela crise bancária nos Estados Unidos;

O texto visa analisar como a crise do sistema bancário nos Estados Unidos se estabeleceu, a fim de entender o impacto e a relevância das políticas monetárias nessa desestabilização econômica. Desse modo, queremos entender como um instrumento de regulação da inflação pode trazer consequências extremamente negativas para a economia de um país.

Assim, nossa pesquisa se justifica pela busca da compreensão dos impactos da política monetária num país, e a relação entre taxa de juros e inflação.

1 REVISÃO DA LITERATURA

Para que uma análise detalhada possa ser feita sobre a atual crise bancária dos Estados Unidos, é necessário olharmos algumas características básicas para controle do sistema financeiro. Em primeiro lugar vamos detalhar a Política Monetária com ênfase ao controle da inflação, e como a conexão entre ambas acontece. Após, faremos uma análise sobre a crise bancária atual nos Estados Unidos, demonstrando o contexto da crise, e como a mesma veio a ocorrer levando em consideração as políticas e estratégias adotadas pelos bancos envolvidos.

1.1 POLÍTICA MONETÁRIA

A política monetária é o instrumento básico de controle da oferta de moeda, definindo assim a liquidez da economia, atuando sobre a taxa de juros.

Segundo Vasconcellos (2015, p. 202) existem 5 instrumentos disponíveis para controle da política monetária: as emissões, reservas compulsórias, open market, redescontos, regulamentação sobre crédito e taxa de juros, sendo que todos eles são de função exclusiva do Banco Central.

No entanto, quando focamos nas categorias de variação dos preços e do valor da moeda, existem quatro que chamam muita atenção: a inflação, a desinflação, a deflação e a redeflação.

De acordo com Rossetti (2016, p. 741) a inflação é a categoria predominante de variação do valor da moeda, tratando-se de um fenômeno universal, comum a praticamente todos os países. A inflação corresponde a uma alta geral, mas não necessariamente simétrica, dos preços dos bens e serviços, a alta, que varia de intensidade de país para país e de época para época, implica desvalorização da moeda em relação aos demais ativos.

Já a desinflação é o retorno dos valores à linha de estabilidade dos preços, restabelecendo-se a estabilização em patamares baixos e fortalecendo-se o valor da moeda. Os movimentos de desinflação geralmente são induzidos, ocorrendo em reação a ações de programas de estabilização monetária, graduais ou de choque. Conforme o programa de desinflação escolhido, os processos de desinflação são firmes e duradouros ou quando são soluções heterodoxas, como congelamento de preços ou de prefixações de altas, geralmente deságuam em processos inflacionários recorrentes (ROSSETTI, 2016, p. 741).

Em seguida temos a deflação, que pode ser considerada o oposto da inflação. Ela é uma queda generalizada dos preços, para níveis inferiores aos anteriormente

praticados, valorizando-se a moeda em relação aos demais ativos. A deflação geralmente é associada à estagnação econômica (ROSSETTI, 2016, p. 742).

Já a redeflação é a volta à estabilidade da economia após a queda acima mencionada. Obviamente, quando os movimentos de redeflação atingem a linha de estabilidade e o setor real volta para posições próximas do pleno-emprego, a continuidade do processo implica movimentos inflacionários (ROSSETTI, 2016, p. 742).

Dessas quatro categorias a inflação é, de longe, a predominante. Praticamente, não há um só país que não tenha vivido episódios de inflação, se tornando em alguns casos uma ocorrência crônica, ainda que de intensidade variada (ROSSETTI, 2016, p. 743).

Quando falamos de inflação existem dois tipos de inflação delimitadas por Vasconcellos (2015, p. 344) elas são inflação de demanda e inflação de custos. A inflação de demanda, considerada a mais comum, diz respeito ao excesso de demanda agregada em relação à produção disponível de bens e serviços. Como Vasconcellos (2015, p. 353) simplificou “dinheiro demais à procura de poucos bens”. Já a inflação de custos pode ser associada a uma inflação tipicamente de oferta, sendo que o nível de demanda permanece o mesmo, mas os custos de certos insumos importantes aumentam e eles são repassados aos preços dos produtos (VASCONCELLOS 2015, p. 353).

No entanto Rossetti (2016) tem um visão diferente, para ele existem inúmeros métodos de diferenciar a inflação, mas de forma geral elas podem ser diferenciadas por qualificativos, que remetem às causas, às magnitudes dos processos de alta e a suas características visíveis. Considerando essas características, Rossetti (2016) utiliza quatro grupos para essa classificação, sendo a inflação de procura, a inflação de custos, a inflação estrutural e a inflação inercial.

A inflação de procura seria associada à inflação de demanda de Vasconcellos, uma vez que segundo Rossetti (2016) se trata da “alta capacidade de dispêndio, assimétrica em relação à baixa capacidade de produção”.

A inflação de custos da mesma forma está associada à inflação de custos de Vasconcellos, uma vez que se trata de uma “alta originária da expansão dos custos dos recursos mobilizados no processamento da produção de bens e serviços”, ou seja uma alta no preço dos insumos e mão de obras que aumentam o preço do produto final (ROSSETTI, 2016, p. 747).

A inflação estrutural ocorre ao fazer um estudo das inflações altas e crônicas, como as que ocorreram na maior parte das economias de baixa renda nas décadas de 1950, 1960 e 1970, para tanto apontam quatro elementos estruturais dos países como responsáveis por essa situação, sendo as mesmas: baixa elasticidade de oferta dos produtos agrícolas, desequilíbrio crônico do balanço de pagamentos, que exige forte

excedente de exportações sobre importações, a desigual distribuição da renda e da riqueza e a tendência expansionista dos orçamentos públicos (ROSSETTI, 2016, p. 748).

A inflação inercial se baseia na ideia de que os diferentes mecanismos de indexação são responsáveis pelo repasse das taxas inflacionárias sobre os preços de maneira perpétua. Tais mecanismos podem ser formais, os quais consistem em contratos, aluguéis e salários, e informais, constituídos de reajustes nos preços do comércio, indústria e tarifas públicas. Isso significa que os preços acompanham a inflação passada e futura, gerando uma reação em cadeia que naturalmente torna mais difícil a implementação de políticas de controle de danos. Muitos setores elevam os preços de bens e serviços mesmo sem aumentos significativos de custos simplesmente para acompanhar a inflação geral do país, divulgada pelas instituições de pesquisa (ROSSETTI, 2016, p. 748).

Segundo Vasconcellos (2015, p. 357) existem duas estratégias principais adotadas de políticas monetárias que tem o objetivo de manter a inflação sob controle, elas são o estabelecimento de Metas de Inflação, ou o acompanhamento do chamado núcleo da inflação.

As Metas de Inflação focam em estabelecer uma “âncora” nominal para orientar expectativas de mercado. São “bandas” fixadas para a inflação futura, controlada através da política monetária, principalmente a taxa de juros (VASCONCELLOS, 2015, p. 357).

O Núcleo da inflação é um índice de preços em que são expurgadas, do índice geral, as variações transitórias, sazonais ou acidentais, que não provocam pressões persistentes sobre os preços. As variações transitórias ou sazonais estão normalmente associadas aos choques de oferta, tais como escassez de energia, elevação de preços do petróleo, geadas etc. (VASCONCELLOS, 2015, p. 357).

No caso de ocorrer um desses choques após determinado tempo os índices voltariam ao seu estado inicial, sendo que assim o Banco Central não deve mudar a sua política monetária, elevando a taxa de juros, para controlar a inflação. O Banco Central deve atuar apenas se o núcleo se alterar, o que só ocorrerá se houver uma inflação de demanda. Esse é o sistema adotado nos Estados Unidos (VASCONCELLOS 2015, p. 357).

1.2 TAXA DE JUROS

Como visto anteriormente, a taxa de juros é essencial para o controle da inflação. Dessa forma vamos entender um pouco mais sobre ela.

Podemos analisar a taxa de juros da seguinte forma, quando a oferta monetária diminui por ação do governo, a tendência natural da taxa de juros é a de aumentar, já na direção oposta, quando se expande a oferta monetária, os juros reais tendem a diminuir (ROSSETTI, 2016, p. 715).

Uma frase dita por Vasconcellos (2015, p. 357) esclarece muito bem isso: “A taxa de juros representa o preço do dinheiro no tempo”. Ou seja, conforme existe circulação de moeda e o quanto ela consegue comprar a cada momento é a taxa de juros.

Alguns exemplos do que acontece quando ocorre uma alta de juros são: incentivo ao ingresso de recursos financeiros de outros países, aumento do custo da dívida pública interna, desestímulo ao investimento produtivo, pois aumenta as aplicações especulativas no mercado financeiro e ainda por cima é um instrumento antiinflacionário, ao controlar o consumo agregado, seja pelo encarecimento do custo do crédito, seja por estimular aplicações financeira (VASCONCELLOS 2015, p. 324).

Ao se tratar de taxa de juros também é importante diferenciar entre taxas de juros nominais e taxas de juros reais. Como explica Vasconcellos (2015, p. 210):

As taxas de juros nominais constituem-se em um pagamento expresso em porcentagem, mensal, trimestral, anual etc., que um tomador de empréstimos faz ao prestador, em troca do uso de determinada quantia de dinheiro. Se não houver inflação no período, a taxa de juros nominal será igual à taxa de juros real desse mesmo período de tempo. Contudo, quando há inflação, torna-se importante distinguir a taxa de juros nominal da taxa de juros em termos reais. Assim, enquanto a taxa de juros nominal mede o preço pago ao poupador por suas decisões de poupar, incluindo a perda que sofre por efeito da inflação, ou seja, de transferir o consumo presente para o consumo futuro, a taxa de juros real mede o retorno de uma aplicação em termos de quantidades de bens, isto é, já descontada a taxa de inflação.

A relação entre a taxa nominal de juros, a taxa real e a inflação esperada é dada pela Equação de Fisher onde onde: i = taxa nominal de juros; r = taxa real de juros; π^e = taxa de inflação esperada (VASCONCELLOS, 2015, p. 324).

A paridade de Fisher também ajuda a entender como a política monetária afeta as decisões tomadas na esfera real da economia, ou seja, o chamado mecanismo de transmissão da política monetária.

$$r = \frac{(1 + i)}{(1 + \pi^e)} - 1$$

Assim, quando o Banco Central realiza uma política monetária expansionista, provoca uma redução na taxa de juros nominal, dado o funcionamento da inflação essa redução causa uma menor taxa de juros real, e assim gerando um aumento do consumo e do investimento agregados (VASCONCELLOS, 2015, p. 324).

Da mesma forma ocorre quanto à política monetária contracionista, quando, por exemplo, o Banco Central aumenta a taxa Selic para desacelerar o crescimento da demanda agregada e alcançar determinada taxa de inflação (VASCONCELLOS, 2015, p. 324).

1.3 CRISE BANCÁRIA

Várias crises bancárias no passado foram causadas ou influenciadas por políticas governamentais, como a crise financeira global de 2007/2008. Born (2011) apontou que a crise financeira de 2008 foi o trágico resultado de trinta anos de desregulamentação do setor financeiro. Sendo que, neste ano, as baixas taxas de juros encorajaram a busca por rendimentos mais altos, gerando desequilíbrios e elevação de riscos.

De modo um pouco diferente, mas muito conectada com as políticas monetárias, a crise bancária de 2023 nos Estados Unidos começou com o aumento das taxas de juros que mostrou vulnerabilidades cominadas pelas estratégias de investimento de determinados bancos, gestão de risco de taxa de juros e exasperação dos investidores durante a crise bancária. A atual crise enfrentada pela economia americana teve seu início na sexta-feira dia dez de Março de 2023, quando o Silicon Valley Bank não foi capaz de ceder aos clientes as quantias que tinham em suas contas bancárias.

À vista disso, o banco não tinha fundos suficientes para liberar o valor demandado por cada cliente, fato que aconteceu também no Signature Bank no final de semana subsequente. Temendo uma epidemia de quebra dos bancos no país, o Sistema Federal de Reserva dos Estados Unidos junto do governo federal americano tiveram que intervir, provendo dinheiro ‘fácil’ aos bancos e assegurando seus clientes de que não perderiam seus depósitos mesmo estando acima do limite protegido pelos seguros.

Assim, o Silicon Valley Bank investiu bilhões de dólares de seus próprios depósitos em títulos do Tesouro dos EUA sem qualquer seguro de proteção para o dinheiro dos clientes se os mercados se movessem contra o banco. Assim, com a alta taxa de juros no país, os títulos entraram em queda, e conseqüentemente, eles foram forçados a vender os títulos com prejuízo, gerando uma intensa retirada de dinheiro pelos seus clientes, o que deixou-os sem caixa para atender suas demandas.

Segundo o analista financeiro David Taylor (2023, tradução nossa): “[...] as autoridades americanas foram surpreendidas pelas falhas em ambos os bancos e estavam correndo para conter qualquer sinal de um contágio financeiro”⁷. A insegurança dos mercados financeiros globais era nítida, a qual apenas aumentou após a quebra do banco de investimentos suíço *Credit Suisse* na noite seguinte.

No ano de 2022, o banco enfrentou especulações no meio internacional devido à insegurança do mercado financeiro quanto à capacidade do banco de se manter e pagar

⁷ “However, it was obviously a rushed response, and sent a clear message to international financial markets that the US authorities were blindsided by the two bank failures and were scrambling to contain any whiff of a financial contagion”.

seus débitos. Suas ações vinham declinando desde antes de 2018, e mesmo após um pequeno aumento em 2020, voltaram a cair em 2021 e especialmente em 2022, quando o banco enfrentou um aumento significativo em seus CDSs, ou *Credit Default Swaps*. Criadas com o intuito de controlar os riscos inevitáveis do mercado de investimentos, os CDSs permitem que investidores troquem os riscos de um determinado crédito com outros investidores, garantindo certa proteção no caso de eventos inesperados capazes de colocarem seu crédito em risco.

Após o pico de CDSs enfrentado pelo banco suíço, o Saudi National Bank, o qual possuía quase 10% das ações do Credit Suisse, declarou que não compraria mais ações, deixando o banco sem seu principal investidor e acionista. Logo, a insegurança especulativa aumentou rapidamente no mercado internacional, fato evidenciado pelo aumento de compras de derivativos governamentais, considerados relativamente mais seguros por serem administrados pelo governo responsável por sua emissão.

1.4 EFEITOS DA CRISE BANCÁRIA

Com a crise bancária norte-americana, o presidente Joe Biden garantiu a todos os depositantes, do SVB e do Signature Bank, o recebimento dos seus depósitos integralmente. Entretanto, mesmo com essa garantia para a população, há uma desconfiança sobre o cenário fazendo com que os depositantes entrem em pânico e haja corrida aos depósitos bancários em um banco em dificuldades.

Por conseguinte, após os fechamentos dos bancos e o apoio do governo para com eles, o Sistema Federal de Reserva dos Estados Unidos elevou a taxa básica de juros do país em 0,25 pontos percentuais, passando de 5,25% para 5,50%. Atitude tomada visando alcançar uma postura de política monetária restritiva para retornar a inflação para 2% ao longo do tempo.

Desse modo, o aumento das taxas de juros nos Estados Unidos que culminou na crise bancária pressionou ainda mais as condições financeiras do país e das pessoas. Assim, temos uma redução nos empréstimos, diminuição dos gastos do consumidor e perda de confiança do mesmo.

2 METODOLOGIA

O instrumento será montado a partir de um estudo bibliográfico e com pesquisas em artigos e sites oficiais como Federal Reserve (FED), e The Bureau of Economic Analysis (Bea), e outros, visando fortalecer o entendimento sobre as políticas monetárias nos Estados Unidos, seu objetivo e importância para a economia do país. Assim a metodologia utilizada será a descritiva, analisando os impactos econômicos da inflação e taxas de juros, descrevendo as características das mesmas, sem interferência da opinião dos autores.

A técnica de pesquisa utilizada foi a bibliográfica, fazendo uma leitura analítica, reproduzindo as ideias buscadas nos artigos utilizados. Assim, a pesquisa visa acumular conhecimentos fundamentais que levem a hipóteses consistentes com a questão de pesquisa. Do mesmo modo, a abordagem a ser utilizada é a quantitativa, uma vez que o tema será percorrido através de dados econômicos e estatísticos.

2.1 PESQUISA

A pesquisa feita para a elaboração do presente trabalho foi feita a partir de busca em artigos, livros e sites sobre o assunto. Começamos procurando sobre informações da crise bancária nos Estados Unidos no começo do ano, passando para a busca de informações sobre a crise de 2008 no país, podendo assim, realizar uma análise e buscar similaridades entre as duas. A pesquisa foi realizada buscando quais fatores começaram, quando foi estabelecida e consequências da crise para o país e resto do mundo, trazendo exemplos de como a crise se desdobrou em dois bancos dos EUA.

2.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA ACADÊMICA

2.2.1 Pesquisa Quantitativa

Uma das principais características de uma pesquisa quantitativa é ser conclusiva, sendo possível entender a dimensão do problema e quantificar ele. A mesma fornece informações numéricas sobre o comportamento de ações realizadas e suas consequências, assim realizando uma análise sobre o problema e chegando a conclusões sobre o questionamento que levou a pesquisa.

Esse tipo de pesquisa visa gerar resultados e conclusões precisas e confiáveis que permitam uma análise estatística, buscando garantir precisão nos resultados evitando erros de análise e interpretação.

A pesquisa quantitativa foi utilizada no nosso trabalho buscando dados numéricos que expressam as diferenças nos valores antes, durante e depois da crise. Também buscamos gráficos que representassem esses valores, realizando novos para apresentá-los neste trabalho expondo os resultados obtidos.

3 DESENVOLVIMENTO: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A atual política de taxas do Fed é uma mudança drástica em relação à sua postura de “dinheiro fácil” que estava em vigor desde a crise financeira de 2008 (falência do banco de investimento Lehman Brothers). Durante grande parte desse período, incluindo 2020 e 2021, a taxa dos fundos federais, que nada mais é que a taxa de juros, foi fixada num intervalo de 0,00% a 0,25%. Em março de 2022, à medida que a inflação aumentava, a Fed mudou de rumo e aumentou rapidamente as taxas de juros, chegando em um intervalo de 2,25% e 2,50% ainda em 2022, e em 5,25% e 5,20% em 2023. Ou seja, as taxas de juros quase dobraram de um ano para o outro, como podemos ver na tabela abaixo que segue as datas dos encontros do Federal Open Market Committee (FOMC), pertencente ao FED:

TABELA 1 — Histórico da taxa de juros dos Estados Unidos da América

Data da Reunião do FOMC	Aumento da Taxa de Juros Federais	Taxa de Juros Federais
Maio, 2023	+25	5,00% / 5,25%
Março, 2023	+25	4,75% / 5,00%
Fevereiro, 2023	+25	4,50% / 4,75%
Dezembro, 2022	+50	4,25% / 4,50%
Novembro, 2022	+75	3,75% / 4,00%
Setembro, 2022	+75	3,00% / 3,25%
Julho, 2022	+75	2,25% / 2,50%
Junho, 2022	+75	1,50% / 1,75%
Maio, 2022	+50	0,75% / 1,00%
Março, 2022	+25	0,25% / 0,50%

FONTES: Tepper (2023)

Assim, nesses longos anos em que a taxa de juros foi mantida próxima de 0, a política monetária encorajou o crescimento dos depósitos à vista nos bancos e levou os mesmos a procurarem retornos mais elevados, assumindo riscos maiores, que não eram proporcionais às suas responsabilidades de curto prazo. Do mesmo modo, alguns

riscos não foram calculados, sendo que transações à vista permitem que o dinheiro do depositante fique à sua disposição para ser movimentado ou sacado a qualquer momento, podendo deixar os bancos muito vulneráveis.

Além disso, para colaborar com os riscos já tomados pelo sistema financeiro dos Estados Unidos, devido ao Covid-19 e suas consequências na economia, o FED reduziu o rácio de reservas obrigatórias para zero em todos os níveis de depósitos, a partir de 26 de março de 2020. Por conseguinte, isso gerou uma maior volatilidade das reservas e tornou difícil o controle da oferta de moeda após o fim da crise, incentivando ao mesmo tempo a assunção excessiva de riscos por parte dos bancos. Isso está refletido no aumento acumulado da inflação, que anteriormente estava controlada e mantida abaixo de 2% e atualmente está em 4,3%, tendo um aumento de 0,3% apenas no mês de setembro deste ano.

Desse modo, o aumento da taxa de juros não foi gradativo, mas sim intenso, dado que o Federal Reserve aumentou as taxas de juros 11 vezes desde março de 2022, quando a taxa alvo de referência dos fundos federais era efetivamente de 0%. Sendo que iniciou em janeiro de 2022, com uma média de 0,8%, alcançando em maio de 2023 uma taxa de 5%.

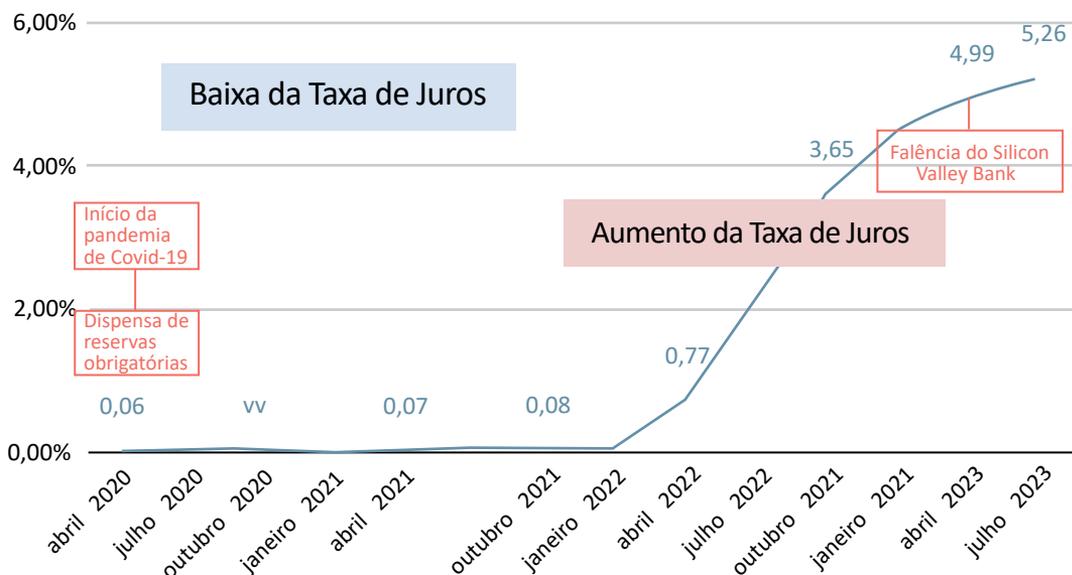
Logo, quando as taxas de juros subiram e aqueles investidores de depósitos à vistas desejam retirar o seu dinheiro para procurar rendimentos mais elevados em outros locais, alguns bancos não conseguiram sanar esta demanda, gerando a venda dos seus títulos com perda, dado que o valor dos ativos diminuiriam no contexto do aumento das taxas de juros. Assim, inicia-se a crise bancária de 2023, caracterizada pela perda de confiança nos bancos e desespero de investidores em conseguir obter os seus depósitos novamente, desencadeada pelos seguintes fatores:

- Aumento acentuado da taxa de juros dos Estados Unidos pelo FED, após uma grande estabilidade financeira;
- Incapacidade da administração dos bancos em gerir reservas obrigatórias e riscos de seus investimentos;
- Colapso dos investidores em busca de seus depósitos;

Através do gráfico abaixo é possível visualizar o aumento da taxa de juros e quando tivemos a falência do primeiro banco:

GRÁFICO 1 — Histórico da crise bancária nos Estados Unidos

Histórico da Crise Bancária nos Estados Unidos



FONTE: Tepper (2023, adaptado)

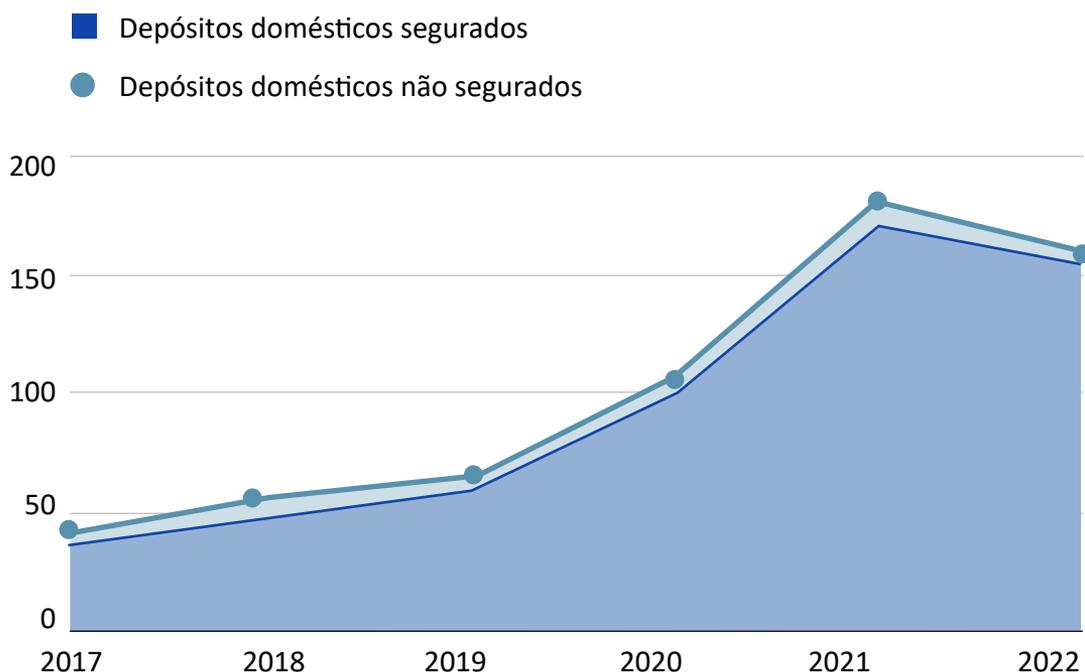
3.1 ANÁLISE DOS BANCOS

3.1.1 Silicon Valley Bank

O Silicon Valley Bank (SVB) é um banco comercial dedicado a atender empresas de tecnologia e inovação, incluindo startups, empresas de capital de risco, empresas de biotecnologia, empresas de tecnologia limpa e outras empresas inovadoras. Esse era o 16º maior banco dos EUA, com US\$212 bilhões em ativos totais quando faliu em março de 2023, de acordo com o FED.

Num cenário de taxas de juro baixas, o SVB investiu os depósitos de seus clientes, na sua maioria empresas de capital de risco, em títulos de longo prazo, visando rendimentos mais elevados. Em 2021, mais de 95% do total de depósitos no SVB eram depósitos à vista, o que significa que podiam ser levantados a qualquer momento, e 90% dos depósitos excederam o limite de 250.000 dólares segurado pelo FDIC. Além disso, no final do ano de 2022, aproximadamente 94% do total de depósitos do banco não eram segurados, como podemos notar na imagem abaixo:

GRÁFICO 2 — Cobertura de seguro de depósito SVB (bilhões de dólares)



FONTE: Federal Reserve (2023)

Assim, o SVB sempre teve uma parcela comparativamente baixa de depósitos segurados, e após o boom de capital de risco de 2020/2021, a parcela de depósitos com seguro FDIC caiu de um pouco abaixo de 9% para um pouco acima de 4%. Do mesmo modo, a carteira de títulos de longo prazo de US\$21 bilhões (cerca de R\$100 bilhões) do SVB estava rendendo uma média de 1,79%, sendo que o atual rendimento do Tesouro de 10 anos era de cerca de 3,9%.

Desse modo, com as taxas de juros subindo, os depositantes do SVB levantaram dinheiro para procurar rendimentos mais elevados em outro local, e o SVB não conseguiu satisfazer esta procura e teve de vender os seus títulos a um preço mais baixo. Por conseguinte, o SVB anunciou que havia vendido uma grande quantidade de títulos com prejuízo e venderia US\$2,25 bilhões em novas ações para tapar o buraco em suas finanças, o que gerou pânico entre os clientes, que retiraram seu dinheiro em massa.

Após essa sucessão de acontecimentos gerados pelo controle da política monetária estadunidense, no dia 10 de Março de 2023, o Silicon Valley Bank colapsou. Isso tudo ocorreu dentro de 48 horas, onde foi encerrada a gestão de 40 anos do banco.

3.1.2 First Republic Bank

O First Republic Bank (FRB), trata-se de um banco comercial que atende clientes de alto patrimônio baseados na Califórnia. No final de março de 2023, os depositantes tinham retirado cerca de 105 bilhões de dólares do banco, aproximadamente metade dos seus 213 bilhões de dólares ativos. Sendo que 68% dos depósitos do banco não eram segurados, em comparação com 90% do SVB.

Além do elevado número de depósitos não segurados, a principal fonte de receita do FRB era a receita líquida de juros de empréstimos e títulos de investimento, sendo que o banco era conhecido pelas suas hipotecas com taxas extremamente baixas e avaliações de créditos excepcionais. Assim, a maioria de seus investimentos eram em empréstimos imobiliários e títulos municipais, que eram menos líquidos e não geravam taxas de juros competitivas.

Em meados de Março, a classificação de crédito do banco foi rebaixada pela Standard and Poor's, levando à criação de um consórcio de 11 grandes bancos, incluindo o JPMorgan Chase e o Bank of America, para o salvar. O consórcio reforçou o capital da FRB com um depósito de 30 bilhões de dólares, mas isso não impediu a queda das suas ações. Por fim, a maior parte de seus negócios foram vendidos ao JPMorgan Chase.

3.1.3 Signature Bank

O Signature Bank, um banco comercial licenciado por Nova York e segurado pelo Federal Deposit Insurance Corporation (FDIC), desempenhou um papel notável no cenário financeiro dos Estados Unidos. Com uma forte ênfase no atendimento a empresas privadas de médio porte, o banco estabeleceu uma reputação sólida entre seus clientes.

O banco era principalmente conhecido por seu portfólio de clientes, que abrangia escritórios de advocacia, compradores de imóveis e empresas de criptomoeda, refletindo uma abordagem aberta e flexível para o atendimento ao cliente. Com uma presença significativa em Nova York, o Signature Bank mantinha 40 escritórios de clientes privados nas áreas metropolitanas de Nova York. Em termos de tamanho e impacto, o Signature Bank se destacava. No final de 2022, o banco acumulou ativos totalizando US\$110 bilhões de dólares, solidificando sua posição como o 29º maior banco nos Estados Unidos. No dia 12 de março de 2023, o Signature Bank foi fechado pelos reguladores financeiros do estado de Nova York como objetivo de “proteger os depositantes”, nomeando o FDIC como síndico, isto ocorreu devido aos efeitos de “contágio” ocasionado pela falência do Silicon Valley Bank no dia 10 de março de 2023.

Após a falência do SVB, grande parte dos depositantes do Signature entraram em pânico, visto que o Signature Bank dependia de depósitos não segurados e também estava exposto ao mercado de criptomoedas. No entanto, apesar das adversidades enfrentadas pelo Signature Bank devido à falência do SVB, no final de abril, o FDIC emitiu um relatório conclusivo. Esse relatório apontou a “má gestão” como a raiz do colapso do banco, atribuindo esse problema à falta de administração e preparação no que diz respeito à gestão de riscos internos, onde, segundo os dados bancários trimestrais do FDIC, as estimativas para dezembro de 2022 representavam aproximadamente US\$79,5 bilhões em depósitos não segurados, ou seja, 90% de todos os seus depósitos não eram segurados. Além disso, o FDIC admitiu ter falhado ao não conseguir fornecer ao Signature Bank revisões adequadas, mencionando também a falta de pessoal qualificado na agência. É importante ressaltar que o Signature Bank não fazia parte do Federal Reserve System e, conseqüentemente, não estava sujeito à regulamentação e supervisão direta por parte do Fed, ao contrário do SVB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da explicação e exemplos expostos no presente trabalho foi possível perceber a relação direta entre a quebra dos bancos dos EUA com a oscilação da taxa de juros e outros métodos de controle da taxa de câmbio. Apresentando o caso principal do banco Silicon Valley em que clientes do banco solicitaram as quantias que possuíam em suas contas mas que não foi possível ceder.

Como mencionado anteriormente, o Sistema Federal de Reserva dos Estados Unidos junto do governo federal americano intervieram e ajudaram o SVB a pagar os valores que outrora não seriam estornados aos investidores do banco. Isso se deu principalmente devido ao efeito cascata que o colapso de um banco tão influente teve.

Com a economia impactada e outros bancos sofrendo as conseqüências juntamente do SVB, o medo de que os clientes perdessem a confiança no sistema bancário como um todo foi suficiente para que medidas de emergência fossem tomadas. A perda de confiança dos clientes seria outro catalisador similar ao que levou o SVB a falir inicialmente, ou seja, investidores tirariam todo o seu dinheiro do banco por temerem que não teria fundos suficientes para financiá-los.

No entanto, o colapso do SVB resultou também no reconhecimento da necessidade de medidas protetivas para a economia por parte do Governo Federal Americano, o qual anunciou o início do Bank Term Funding Program (BTFP), um programa autorizado a oferecer empréstimos a bancos e outras instituições financeiras. O BTFP tem como

principal objetivo auxiliar as instituições financeiras a financiar os depósitos de seus investidores, além de garantir que os bancos não terão que recorrer a vendas de títulos para conseguir dinheiro rapidamente. Seus empréstimos podem durar até um ano e suas atividades tiveram início no dia 12 de Março de 2023, continuando até pelo menos dia 11 de Março de 2024.

Com as pesquisas apresentadas e exemplos dos bancos Signature Bank e First Republic Bank foi possível analisar a relação entre a crise bancária de 2023 nos EUA e sua relação com a taxa de juros, em que os dois juntamente com o caso principal foram afetados, consequentemente quebrando e sendo necessária intervenção de instituições financeiras americanas para minimizar e frear os impactos dessa crise.

Com o intuito de continuar a pesquisa é de interesse abordar as consequências da crise em outros países, focando no Brasil. Outro fator interessante para a abordar seria a possibilidade da crise ocorrer no Brasil, se bancos poderiam quebrar como ocorreu nos EUA, pesquisando como e se as instituições financeiras brasileiras conseguiriam frear e proteger os clientes dos bancos que possam ser afetados, levando em consideração as diferenças nas políticas monetárias americana e brasileira.

REFERÊNCIAS

- BOARD OF GOVERNORS OF THE FEDERAL RESERVE SYSTEM. Federal Reserve issues FOMC statement. 22 mar. 2023. Disponível em: <https://www.federalreserve.gov/newsevents/pressreleases/monetary20230322a.htm>. Acesso em: 02 maio 2023.
- BORN, B. Deregulation: a major cause of the financial crisis. **Harv. L. & Pol'y Rev.**, v. 5, p. 231, 2011.
- CARVALHO, F. J. C. **Economia monetária e financeira**: teoria e política. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.
- ENTENDA o que é pesquisa qualitativa e quantitativa. **Qualibest**, 13 maio 2020. Disponível em: <https://www.institutoqualibest.com/blog/dicas/entenda-o-que-e-pesquisa-qualitativa-e-quantitativa/>. Acesso em: 02 maio 2023.
- FEDERAL RESERVE. SVB: **Evolution of Silicon Valley Bank**. Washington, D.C.: Federal Reserve, 2023. Disponível em: <https://www.federalreserve.gov/publications/2023-April-SVB-Evolution-of-Silicon-Valley-Bank.htm>. Acesso em: 14 abr. 2023.
- GOBLER, Erin. What Happened to Silicon Valley Bank? **Investopedia**, 2023. Disponível em: <https://www.investopedia.com/what-happened-to-silicon-valley-bank-7368676>. Acesso em: 15 out. 2023.
- GUIMARÃES, B.; GONÇALVES, C. E. **Introdução à economia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.
- LARA A. M. B.; MOLINA, A. A. pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. In: TOLEDO, C. A. A.; GONZAGA, M. T. C. (Orgs.). **Metodologia e técnicas de pesquisa nas áreas de ciências humanas**. Maringá: EEduem, 2011. p. 121-172. v. 1.
- MODENESI, A. M. **Regimes monetários**: teoria e a experiência do real. Barueri: Manole, 2005.
- PESQUISA quantitativa: entenda como mensurar os resultados. **Five Acts**, 2021. Disponível em: <https://www.fiveacts.com.br/pesquisa-quantitativa/>. Acesso em: 02 maio 2023.
- PESSOA, S. Economia americana em meio a uma crise bancária. **FGV IBRE**, 11 abr. 2023. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/economia-americana-em-meio-uma-crise-bancaria>. Acesso em: 14 abr. 2023.
- PORTO, G. S. **Pesquisa quantitativa**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1585239/mod_resource/content/1/pesquisa%20QUANTITATIVA%20.pdf. Acesso em: 02 maio 2023.
- PRODANOV, F.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=zUDsAQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA13&dq=\(PRODANOV%3B+FREITAS,+2013,+p.+54\).&ots=dc329gubFS&sig=ABG9dJQqv1rQpwl2ztkR2oioscQ#v=onepage&q=\(PRODANOV%3B%20FREITAS%2C%202013%2C%20p.%2054\).&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=zUDsAQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA13&dq=(PRODANOV%3B+FREITAS,+2013,+p.+54).&ots=dc329gubFS&sig=ABG9dJQqv1rQpwl2ztkR2oioscQ#v=onepage&q=(PRODANOV%3B%20FREITAS%2C%202013%2C%20p.%2054).&f=false). Acesso em: 02 maio 2023.
- ROSSETTI, J. P. **Introdução à economia**. 21. ed. São Paulo: Atlas, 2016.
- TAYLOR, D. 'The market is telling us something very bad is coming', as global banking crisis deepens. **ABC News**, 16 mar. 2023. Disponível em: <https://www.abc.net.au/news/2023-03-16/global-banking-crisis-deepens-fall-of-silicon-valley-bank/102105284>. Acesso em: 14 abr. 2023.

TEPPER, T. Federal funds rate history 1990 to 2023. **Forbes**, 22 mar. 2023. Disponível em: <https://www.forbes.com/advisor/investing/fed-funds-rate-history/>. Acesso em: 14 abr. 2023.

UNITED States Fed Funds Rate. **Trading Economics**, 2023. Disponível em: <https://tradingeconomics.com/united-states/interest-rate#:~:text=Interest%20Rate%20in%20the%20United,percent%20in%20December%20of%202008>. Acesso em: 14 abr. 2023.

VASCONCELLOS, M. A. S. **Economia**: micro e macro. São Paulo: Atlas, 2015.